

O Cavern Club enquanto lugar de memória dos cidadãos de Liverpool e de fãs dos Beatles de todas as partes do mundo

Me. Fernando Vasconcelos Benevides
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
fernandofvb@hotmail.com

Resumo

O presente trabalho analisa historicamente o papel do Cavern Club, um *pub* da cidade inglesa de Liverpool, na memória coletiva (com base no conceito de Pierre Nora) dos habitantes da localidade e para os fãs da banda The Beatles que visitaram o bar nas últimas décadas. Para isso, é observada a trajetória do estabelecimento desde a fundação até os dias atuais, as mudanças que sofreu como a transformação em ponto turístico decorrente de um processo museal pelo qual passa Liverpool desde que os Beatles se tornaram um fenômeno cultural. O destaque para o *pub* ocorre por ter sido local de centenas de apresentações da referida banda de rock ainda no início de carreira. Dessa forma, o trabalho estuda a relação do Cavern Club com o perfil sócio-histórico da cidade. As transformações pelas quais o estabelecimento passou desde 1957 (construção, destruição e reconstrução do prédio) se refletem na memória da duração dos habitantes da cidade (especialmente membros da classe operária) e, depois, dos turistas, enfim das formas de vida no tempo desses dois grupos sociais.

Palavras-chaves: lugar de memória; processo museal; memória coletiva.

Introdução

Na Mathew Street, número 10, região central da cidade inglesa de Liverpool, está situado um bar mundialmente famoso, especializado em apresentações musicais, chamado de The Cavern Club. A história dele começa em 1957, quando foi inaugurado pelo empresário Alan Sytner para ser um clube de jazz. Na época, a decadente Liverpool vivia os anos de pós Segunda Guerra.

A cidade, inserida na região que ficou conhecida como Norte Industrial (termo que faz referência ao fato de ter sido o berço da Revolução Industrial iniciada no século XVIII), passava por uma crise desde meados do século XX. Os carregamentos de carvão, algodão, dentre outros, que passavam pelo porto de Liverpool passaram a ter pouco valor frente ao crescimento da indústria do aço e da eletricidade.

a região era vista cada vez mais como um dinossauro industrial, e o fluxo de novos investimentos convergia para o Sul. A Revolução Industrial teve início no norte da Inglaterra no despertar do século XIX, e foi lá, em meados do século XX, que a primeira nação industrializada do mundo entrou na era pós-industrial. E a cidade de Liverpool, que refletia o aflorar da Grã-Bretanha como colosso comercial, agora simbolizava a erosão do poder, da riqueza e da influência que caracterizavam a nação como um todo (GOULD, 2009, p. 49).

Liverpool era uma cidade onde a maior parte da população pertencia à classe operária. Ela estava superpovoada, mais de um milhão de habitantes na região metropolitana, quarta cidade da Grã-Bretanha em população, mas com parques industriais abandonados (GOULD, 2009). Muitas fábricas, armazéns e galpões de portas fechadas geraram um contingente de desempregados.

Com a Segunda Guerra, a situação ficou ainda mais crítica. Nesse cenário, a influência cultural dos Estados Unidos ganha destaque devido a forte presença de norte-americanos na região. Afinal, o norte da Inglaterra era uma das principais bases de operações dos Aliados. Na década seguinte, os Estados Unidos estão mais fortes política e economicamente, e a influencia cultural deles já está consolidada. É nesse contexto que nasce o Cavern Club, um bar de 10 por 15 metros de largura, localizado no porão de um armazém de frutas e verduras, 18 degraus de pedra abaixo do nível da rua.

A julgar pelo baixo padrão de condições sanitárias e segurança, o Cavern jamais poderia ter existido. Como porão de um armazém que abrigava frutas e queijos em trânsito das docas, seus recursos como local de diversão praticamente não existiam. Depois de entrar por uma estreita porta na Mathew Street e descer dezessete degraus de pedra, chegava-se até um espaço que não media mais do que quinze metros por dez, limitado por paredes de tijolos vermelhos e dividido por três naves com abóbadas. Não havia aquecimento mecânico, ar-condicionado ou exaustores, nenhum limite no número de pessoas admitidas, nenhum alarme de fumaça, sistema anti-incêndio ou saídas de emergência.¹

A partir daí, seguindo as tendências da cultura norte americana, o Carven Club passa por transformações que serão detalhadas mais a frente. Dentre elas, o fato de ter se tornado um ponto turístico de Liverpool por ter sido o local de apresentações frequentes da banda The Beatles quando estava em início de carreira. Neste trabalho, além de mostrar a relação do Cavern Club com o perfil sócio-histórico da cidade,

¹ <https://thebeatlepedia.wordpress.com/2013/05/15/os-beatles-e-o-cavern/>, acessado pela última vez em 28 de setembro de 2016.

procuro perceber as relações desse bar com a memória coletiva dos cidadãos de Liverpool e dos milhares de fãs dos Beatles que visitam o lugar anualmente.

As transformações do Cavern Club

Segundo informações do site oficial do Cavern Club², em 16 de janeiro de 1957, Alan Sytner inaugurara aquele bar com o objetivo de transformá-lo no melhor clube de jazz da Cidade. Nos anos iniciais, fãs do estilo musical, predominantemente adultos de 30 anos ou mais pertencentes à classe operária, frequentavam o local, deixando-o por algumas vezes lotado. Apesar de bastante simples e rústico, importantes artistas nacionais de jazz e blues que passaram por Liverpool se apresentaram lá.

Alguns meses depois, grupos de *rock n' roll* também passaram a se apresentar no Cavern, mas o “prato-chefe” da casa continuava sendo o jazz. Em outubro de 1959, já sob o comando de outro proprietário, Ray McFall, o jazz começou a perder espaço para o *rock n' roll*, fazendo com que o bar passasse por uma mudança de identidade, começando a ter o público de estudantes adolescentes (entre 17 e 20 e poucos anos) dentre os principais frequentadores.

Podemos afirmar que essa foi a primeira transformação significativa do Cavern Club, de um clube de jazz frequentado por adultos para um bar de rock adolescente. Em 1961, o local se tornara, definitivamente, uma casa para fãs de *rock n' roll*. Essa transformação pode ser explicada pelo contexto da própria cidade. Como foi mencionado anteriormente, Liverpool, após a Segunda Guerra Mundial, passou a acompanhar as tendências culturais norte-americanas, e, naquela época, o rock era o mais popular estilo musical dos Estados Unidos. Consequentemente, passou a ser o estilo mais popular também de Liverpool, o que impactou na identidade do Cavern Club.

Numa época em que os meios de comunicação e a própria indústria fonográfica não eram tão avançados, estavam ainda engatinhando, as novidades artístico-culturais demoravam um tempo maior para cruzar o oceano e, consequentemente, serem assimiladas. A cidade inglesa Liverpool,

² <http://www.cavernclub.org>, acessado pela última vez em 28 de setembro de 2016.

onde está um dos portos mais movimentados da Europa desde o século XIX, foi porta de entrada para as tendências estadunidenses, dentre elas, o *rhythm and blues*³. Ou seja, tudo aquilo que levava certo tempo para chegar à Europa como um todo, chegava antes em Liverpool, fazendo com que essa cidade fosse mais fortemente influenciada. (BENEVIDES, 2013, p. 20)

Ainda em 1961, o grupo musical de John Lennon e Paul McCartney se apresentou pela primeira vez no Cavern Club com o nome de The Beatles, nome que tinham adotado no ano anterior. Até agosto de 1963, se apresentaram regularmente no local, totalizando 292 shows segundo o site oficial do Cavern, o que fez com que ficassem famosos na localidade, afinal as apresentações costumavam ter casa cheia.

Curioso para ver de perto o tal dos Beatles, o dono de uma loja de artigos musicais de Liverpool, Brian Epstein, foi até o Cavern para assistir uma apresentação deles. O lojista acabou se tornando o empresário do grupo e responsável por conseguir, em junho de 1962, um contrato para a banda com a gravadora EMI. O trabalho de Epstein, como um todo, foi de fundamental importância para que os Beatles se consolidassem, em 1964, como um fenômeno da indústria cultural.

Dessa forma, o Cavern Club se tornou conhecido no mundo todo por ter sido uma espécie de trampolim para o sucesso dos Beatles. Em 1966, o Cavern Club passa a ser propriedade de Alf Geoghegan e Joe Davey. Com a nova administração, a casa é ampliada, ganha uma nova entrada, loja de souvenir e restaurante, porém, a atmosfera de porão do salão principal é mantida com o intuito de preservar as características de quando os Beatles tocavam ali. Até o início da década de 70, o local recebeu apresentações de importantes grupos do rock britânico.

Em 1973, o planejamento da construção de um sistema ferroviário subterrâneo obrigou o Cavern a fechar as portas. Os armazéns que ficavam acima do bar foram demolidos e o porão onde ficava o salão principal ficou coberto de entulho. Contudo, o empreendimento da companhia inglesa de trens, British Rail, nunca foi concretizado naquele local, e a área acabou se tornando um estacionamento para veículos.

Somente na década de 80, surgiram planos para escavar o entulho que cobria o antigo The Cavern Club com o intuito de restaurar o estabelecimento para que ele voltasse a funcionar. Contudo, foi anunciado que o projeto de reabrir o bar em sua

³ Estilo musical de origem norte-americana que foi precursor do *rock n' roll*.

forma original, orçado em £ 7 milhões, não seria possível devido problemas estruturais. Testes revelaram que os arcos do antigo porão tinham sido muito danificados durante a demolição dos armazéns que ficavam acima do nível da rua.

Tommy Smith, um jogador de futebol profissional que assumiu o controle da empresa que detinha os direitos sobre o Cavern Club, resolveu mandar reconstruir o bar na mesma rua, 15 metros adiante, utilizando mais de 15 mil tijolos (75%) do Cavern original. Assim, em 26 de abril de 1984, o estabelecimento foi reaberto junto com um centro comercial e de escritórios no nível térreo. O portão de entrada, que dá acesso à escada que leva ao subsolo, passou do antigo número 8, para o atual número 10 da Mathew Street. A reconstrução seguiu as mesmas dimensões e desenho arquitetônico, sendo uma réplica perfeita do bar que havia sido fechado há pouco mais de dez anos.

Hoje, o The Cavern Club é um dos mais importantes pontos turísticos de Liverpool, bastante visitado por fãs dos Beatles de todas as partes do mundo que procuram visitá-lo, quase que como uma peregrinação, motivados pelo desejo de conhecerem o local onde teve início o sucesso da banda inglesa. Para estimular ainda mais a visitação, a casa oferece apresentações de bandas covers dos Beatles, pelo menos, duas vezes por semana para que os turistas “vivenciem” a experiência dos anos 60.

O apelo turístico vai além. Réplicas dos instrumentos musicais que eram utilizados pela banda estão lá, em exposição. Até mesmo uma parede com uma escultura dos rostos dos quatro músicos para os visitantes tirarem fotografias. Ao longo da Mathew Street, mais esculturas que remetem à banda, lojas e restaurantes com nomes dedicados aos artistas e até mesmo hotéis cinco estrelas com a temática Beatles.

Afinal, não podia ser diferente, o turismo é hoje uma das principais atividades econômicas de Liverpool. A cidade é uma espécie de Meca, de Terra Santa da Beatlemania⁴. Os visitantes vão até lá não só por conta do Cavern Club, mas também pelos museus dedicados ao grupo musical, às casas onde os músicos moraram na adolescência, aos locais que serviram de inspiração para canções da banda, dentre outros. A cidade decadente que fora até a década de 60, cedeu lugar para um efervescente centro turístico e comercial.

⁴ Interesse extremado, preferência intensa e generalizada pela música e pela moda *Beatle*.

Dessa forma, observamos outra transformação sofrida pelo Cavern Club ao longo do tempo. A função de bar com apresentações musicais continua sendo executada, porém com configurações bem diferentes. O visitante não é mais o cidadão de Liverpool atrás de descontração e entretenimento, mas o turista estrangeiro tentando voltar no tempo e experimentar sensações que aconteceram nos anos 60.

O Cavern Club enquanto lugar de memória

Tendo como referência o trabalho das antropólogas Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert⁵, podemos partir de Liverpool enquanto cidade como objeto, tendo a perspectiva de que a cidade é uma obra temporal. Assim, é possível observar o processo museal pelo qual esse centro urbano inglês passou (e ainda passa) desde que os Beatles se transformaram em ídolos mundiais.

A cidade que vivia a crise da era pós-industrial foi transformada num dos principais destinos turísticos da Inglaterra. Por isso, as casas onde Paul McCartney e John Lennon moraram permanecem intocáveis, com a decoração de móveis do final dos anos 50, para que os visitantes possam conferir como eles viviam. O mesmo vale para logradouros como Penny Lane e o portão vermelho que remete à canção *Strawberry Fields Forever*, reconstruído igual ao da época em que John Lennon morava na cidade.

Entre os cidadãos da Liverpool dos dias atuais, é comum percebermos o incômodo que a dinâmica de “terra dos Beatles” provoca em muitos habitantes, principalmente, naqueles que vivem próximos a alguma antiga residência dos músicos, tendo que lidar com a constante presença de pessoas tirando fotos na rua. É comum ouvir queixas de moradores resmungando que “Liverpool tem muito mais a oferecer do que apenas atrações relacionadas aos Beatles”.

Percorrendo ruas dos bairros periféricos, onde os artistas viveram durante a adolescência, um antigo taxista disse, ao autor deste trabalho, que nada mudou por ali desde os anos 60, apenas a quantidade de carros circulando e os ônibus descarregando turistas com máquinas fotográficas. Já no Centro da Cidade, o que dizer então do Carven Club? Reconstruído com as mesmas dimensões e até os mesmo tijolos a, apenas,

⁵ Cidade e Processos Museais: Saberes sobre os tempos e seus arranjos nas metrópoles contemporâneas. Ver em referências bibliográficas.

15 metros do local original. Os turistas chegam lá com a emoção proporcionada pela sensação de “foi aqui que tudo aconteceu!”. É peculiar que os guias da Cidade não comentam o fato daquele não ser o exato local onde os Beatles tocavam.

Quem presta um pouco mais de atenção ao caminhar pela Mathew Street, encontra a entrada original do Cavern, no número 8 da rua. Um painel fixado lá, conta a história da mudança. Enfim, percebemos o esforço por uma etnografia da duração. Neste caso, ela não passa apenas por preservação de espaços, mas também pela construção de museus, criação de estátuas nas ruas homenageando os músicos dos Beatles e, até mesmo, a nomeação de prédios públicos, como o Aeroporto John Lennon.

Pensar os processos museais para nós é refletir sobre a cidade como lugar de aventura moderna de se ir de um corpo de verdade a outro na tentativa da partilha de um comum de sentido no interior de uma comunidade de sentimento. Uma sociedade complexa tecida na conjunção de estilos de vida, sistemas de valores, códigos de emoções, visões de mundo e projetos sociais em perpétua redefinição, atravessados que são por espaços e tempos diferenciados, e onde os indivíduos e os grupos sociais se localizam e se deslocam de formas diversas. (ROCHA; ECKERT, 2012, p. 25)

Voltando para a análise do The Cavern Club, percebemos que o local tem diferentes significados e importância para moradores de Liverpool e para pessoas que o visitaram (e o visitam) enquanto turistas. Para o historiador Pierre Nora, memória coletiva é definida como “o que fica do passado no vivido dos grupos, ou o que os grupos fazem do passado” (NORA apud LE GOFF, 1996, p. 472).

Dessa forma, para a memória coletiva dos habitantes da Cidade, o bar remete aos tempos difíceis de crise e desemprego de meados do século XX, quando o Carven era um lugar de refúgio, que tinha o objetivo de entreter uma classe operária (muitos de seus membros ainda vivos) que trabalhava pesadas jornadas de trabalho para receber pequenos ordenados, ou então jovens estudantes que iam curtir o *rock n’ roll* de diversas bandas adolescentes (sendo os Beatles apenas mais uma dentre elas, e não a mais importante).

Para esses mesmos habitantes, o Cavern que existe hoje dificilmente tem esse significado. Apesar do desenho arquitetônico idêntico, boa parte dos tijolos originais e uma distância de apenas 15 metros de onde tudo começou, o bar que funciona atualmente é visto mais como um empreendimento turístico e, dificilmente, é

frequentado por moradores locais. Já a porta no número 8 da Mathew Street, que dava acesso à antiga escada para o Cavern original e onde hoje há um painel explicativo, pode funcionar como esse lugar de memória.

Trabalhar com sociedades complexas nos remete a conceber a descontinuidade, a heterogeneidade e a diversidade das modalidades simbólicas de controle do tempo que nelas se enraízam, aceitando que tais modalidades são ordenadas segundo uma superposição de estruturas espaço-temporais, cuja rítmica de acomodação entre elas obedece à intriga das trajetórias, dos itinerários e dos fluxos, no espaço tanto quanto no tempo, vividos por seus habitantes. (ROCHA; ECKERT, 2012, p. 21)

Para os fãs dos Beatles que visitaram o The Cavern Club nas últimas décadas, o espaço remete não a um sentimento de nostalgia, mas a uma sensação prazer, de ter uma experiência do que foi aquele bar na década de 60 com as apresentações dos Beatles. Mesmo com o fato da maior parte dos turistas saírem de lá felizes e satisfeitos, sabemos que essa experiência é bem diferente daquelas que ocorreram mais de 50 anos atrás, afinal não é possível reviver o passado.

Dentre os muitos motivos, primeiramente podemos citar as atuais regras de segurança que restringem a quantidade de pessoas naquele porão (na época dos Beatles, o Cavern ficava entupido, pois não havia essa restrição), a existência hoje de outros espaços além do salão principal, saídas de emergência e, é claro, as performances das bandas covers que, por melhores que elas sejam, jamais será a mesma coisa que assistir aos Beatles.

Contudo, para esses visitantes, depois que conhecem o The Cavern Club, podemos afirmar que este se torna um lugar de memória também para eles. Afinal, aquele espaço ganha uma aura simbólica, remete ao imaginário que o turista, mesmo não tendo morado em Liverpool, construiu em sua mente através do que os meios de comunicação transmitiram para ele sobre a banda, ou então remete ao período em que ele curtiu o som dos Beatles em algum momento da vida. Podemos justificá-lo enquanto lugar de memória de acordo com o conceito que Pierre Nora dá ao termo:

É material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante ao mesmo tempo a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição visto que caracteriza por um acontecimento ou uma

experiência vivida por pequeno número uma maioria que deles não participou. (NORA, 1993, p. 21-22)

Para o turista, o atual The Cavern Club é o que resta e se perpetua da Liverpool do início dos anos 60, que tinha os Beatles como habitantes dela. Dessa forma, identificando os fãs dos Beatles enquanto grupo social (seja aquele que viveu a década de 60 ou aquele que passou a curtir os discos e a banda como um todo depois daquela época), o Cavern Club faz parte da memória coletiva desse grupo, pois está carregado de importância para a existência dos Beatles e para o que a banda significa para esses fãs.

Considerações finais

Procurei traduzir o que o The Cavern Club significa para a memória coletiva dos habitantes de Liverpool e para os fãs dos Beatles que visitaram o lugar nas últimas décadas. Para isso, foi necessário observar que o Cavern está inserido dentro de um processo museal, pelo qual passa essa cidade do norte da Inglaterra, com o intuito de criar uma etnografia da duração, de preservar a cidade como local de origem da banda The Beatles, que veio a se tornar fenômeno cultural no mundo todo.

As transformações pelas quais o Cavern Club passou desde 1957 (construção, destruição e reconstrução do prédio) se refletem na memória da duração dos habitantes da cidade (especialmente membros da classe operária) e, depois, de seus turistas, enfim das formas de vida no tempo desses dois grupos sociais. A nostalgia do local que proporcionava entretenimento em tempos difíceis e a necessidade de preservação de um prédio para exploração do turismo.

Assim, podemos concluir que o The Cavern Club, enquanto lugar de memória, assume significados diferentes para a memória coletiva dos moradores da Cidade e para os visitantes, fãs dos Beatles, após frequentarem o estabelecimento. Para o primeiro, ele remete às características de um determinado período do passado de Liverpool. Para o segundo, o local onde teve início o sucesso dos Beatles enquanto grupo musical.

Referências bibliográficas

BENEVIDES, Fernando Vasconcelos. **A Revolução no Rock**: o álbum Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band. 2013. Monografia – Curso de História, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013.

BEST, Roag; BEST, Pete; BEST, Rory. **The Beatles: The True Beginnings**. New York: Thomas Dunne Books, 2003.

DAVIES, Hunter. **A vida dos Beatles**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1968.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **As transformações do patrimônio**: da retórica da perda à reconstrução permanente. In: TAMASO, Izabela Maria; LIMA FILHO, Manuel Ferreira (Orgs.). **Antropologia e Patrimônio Cultural**: trajetórias e conceitos. Brasília: Associação Brasileira de Antropologia, 2012, p. 64-71.

GOULD, Jonathan. **Can't buy me love**: os Beatles, a Grã-Bretanha e os Estados Unidos. São Paulo: Larousse do Brasil, 2009.

LE GOFF. **História e Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

NORA, Pierre. **Entre história e memória**: a problemática dos lugares. São Paulo: Revista Projeto História, 1993, v. 10, p. 7-28.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. **Cidade e Processos Museais**: Saberes sobre os tempos e seus arranjos nas metrópoles contemporâneas. In: MAUÉS, Raymundo Heraldo; MACIEL, Maria Eunice (Orgs.). **Diálogos Antropológicos**: Diversidades, patrimônios, memórias. Belém: L&A Ed, 2012, p. 15-33.

ROYLANCE, Brian, QUANCE, Julian, CRASKE, Oliver e MILISIC, Roman (Orgs.). **The Beatles Anthology**. Londres: Cassell & Co, 2000.

SPITZ, Bob. **The Beatles**: a biografia. São Paulo: Larousse do Brasil, 2007.